

INVESTIGAÇÃO. TUDO O QUE ESTÁ A CORRER MAL NAS ESCOLAS

# ESTE É QUE É O NOVO

Avaliações pouco rigorosas, trabalhos copiados ou feitos por outros, conflitos entre pais e professores, alunos a quem a escola perdeu o rasto, docentes à beira da exaustão e desigualdades de aprendizagem como nunca existiram. “Estamos a fingir que está tudo mais ou menos e não está”, desabafa o professor Paulo Guinote.

Por Sara Capelo e Susana Lúcio

**É** fim do dia e Paula Brighton está a des-cansar. Finalmente. Nessa quinta-feira, estava a explicar aos seus alunos do 6º ano a tarefa que tinham de fazer quando um deles a avisou pelo chat: “Professora, não estamos a fazer chat. Não sabe quanto tempo leve depois que é possível que alguém – que não ela – na brincadeira lhe tenha desligado o microfone. Mais do que tudo, ficou triste. Os alunos não imaginam a ginástica que fez para conseguir estar ali, à hora marcada para a aula: “Somos seis pessoas e só temos quatro computadores. As minhas filhas que estão na faculdade não largam o computador, o meu marido, que é juiz e tem um computador do trabalho, também não. E tentamos dar prioridade ao meu filho João, que tem exames [do 11º]. Eu e a Beatriz [no 9º ano] andamos às sobras.”

Esta escola improvisada que a professora de Educação Visual e a família montaram nos últimos dois meses num apartamento de Setúbal é, em vários aspetos, exemplificativa das dificuldades que alunos, pais e professores têm atravessado desde o encerramento das escolas, a 13 de março. “Se é novo para os professores, também é para as famílias, que não estavam preparadas para isto. É

um caos: pais em teletrabalho com 2 ou 3 filhos em casa”, acrescenta Rui Martins, presidente da Confederação Nacional Independente de Pais e Encarregados de Educação (CNIPE).

## **EXAUSTÃO GLOBAL** Professores de baixa e pais a enlouquecerem

▶ No apartamento onde os seis, mais a mãe de Paula Brighton, vivem, estudam e trabalham somam-se ainda as tarefas domésticas e as refeições. “A sensação que eu tinha era que me levantava de manhã, sentava-me na cadeira e só me levantava ao fim do dia”, depois das aulas em videoconferência e de responder às dezenas de emails dos 80 alunos, que caíam às 23h ou às 19h de um sábado. Foi por isso que a professora de 53 anos decidiu desligar-se do computador ao fim do dia. “A maior parte dos professores não têm horas para almoço, nem jantam, feriadados ou fins de semana e trabalham mais do que as 35, 40h que são exigíveis à Função Pública. E quanto mais alto é o nível de ensino, pior é”, descreve Ruy Ventura, professor do 2º ciclo, de 46 anos. “A minha mulher é professora do secundário e as exigências são mais. É quase não ter tempo para respirar” porque há a sobrecarga dos exames nacionais. “E a maior parte dos professores – então se forem pais ao mesmo tempo – está à beira da loucura.”

Alguns colegas de outras zo-

nas do País estão decididos a abandonar a profissão, como uma professora de Inglês com 23 anos de experiência. “Já me inscrevi na bolsa de emprego público. Não me revejo como agente da escola pública nestes moldes”, justifica. Tem a sensação de que está a negligenciar as duas filhas de 3 e 10 anos de idade. “A mais velha trabalha sozinha, é boa aluna e muito motivada. A mais pequena anda um pouco à deriva, interrompe-me muitas vezes.”

A docente, que pediu à **SÁBADO** para não ser identificada, está de licença de amamentação, mas isso não reduziu o nível de exigência imposto pela direção da escola. “Deixou de haver horário de trabalho. Todos – direção, pais e alunos – fazem solicitações a qualquer hora do dia ou da semana.” Por exemplo, um pai queixou-se ao representante dos pais da turma de que uma professora não tinha respondido a um *email* do filho. O pedido tinha sido enviado no sábado e a queixa entrou logo na manhã de segunda-feira.

Para além das aulas e do tempo que agora demora a corrigir uma simples pergunta que antes corrigia na hora, tem ainda de participar em formações e elaborar grelhas de revisão de critérios de avaliação

**“CAOS”, “À BEIRA DA LOUCURA”, “PENSAR DESISTIR” SÃO EXPRESSÕES REPETIDAS POR PROFESSORES E PAIS**

▼ **Emails, vídeos, chats. Os professores têm usado toda a tecnologia disponível para comunicarem com os alunos**



RUI MINDERICO

para todos os alunos, uma exigência da direção da escola. “Pedem-nos que atendamos às necessidades específicas de cada aluno, mas não fazem o mesmo com os professores.” As dificuldades levaram já outros docentes a pedir a reforma: “Uma colega com mais de 40 anos de car-

reira queria acabar o ano letivo, mas não aguentou este período e pediu a aposentação.”

O Sindicato de Todos os Professores (STOP) recebeu relatos semelhantes num inquérito que fez. “Há muito sofrimento dos que tentam ao máximo não desistir, mas se isto continuar poderão literalmente estoirar”, diz o coordenador André Pestana, que teme as consequências do prolongamento do ano letivo até ao final de junho – mais 15 dias do que o calendário previsto.

Também antevê problemas para os docentes do 11º e 12º, que devem voltar à escola no dia 18: “Há colegas que ponderam não regressar, pedindo baixa porque são de grupos de risco. É legítimo que tentem salvar-se”, acrescenta. Na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, essas baixas começaram a chegar já na última semana. E há disciplinas, como o Português ou a História, em que o diretor João Jaime Pires prevê dificuldades de substituição.

O cenário repete-se em outras escolas. Foi o que aconteceu durante uma semana com a professora de



RUI MINDERICO



Pedro, de 7 anos. A docente não estava a conseguir responder a todas as solicitações, dar aulas síncronas (isto é, em direto numa plataforma *online*) e ainda acompanhar as lições do filho que está na primária e a vontade de brincar do mais novo, ainda na creche.

A mãe de Pedro, Catarina Ortigão, de 45 anos, compreende-a bem. Está na mesma situação: com o marido militar a trabalhar 15 dias seguidos, Catarina viu-se sozinha com ele e o mais novo, André, de 3 anos. “Com o meu próprio trabalho, ter de entreter um e obrigar o outro a ficar concentrado, ter de fazer refeições e pôr um deles a dormir, pensei que ia enlouquecer.”

Decidiu refugiar-se em casa da sogra, perto de Viseu, nessas duas semanas. Assim, em vez de uma casa sem varanda em Lisboa, os filhos podem correr e a mãe tem ajuda. O trabalho, como gestora de projetos de Ciência, fica para as madrugadas – o que significa dormir três a quatro horas em algumas noites. “Tem sido difícil. Há alturas em que, em desespero, digo: vou desistir. Mas não posso. Estaria a passar aos

meus filhos que é legítimo desistir.”

Magda Gomes Dias, *coach* parental, está de acordo: “Atirar a toalha ao chão? Eu sei que dá vontade. Mas temos que nos lembrar que isto vai acabar.” Esse é um pensamento a que a fotógrafa e trabalhadora independente Sofia Costa, de 42 anos, se agarrou nos primeiros 15 dias. Em casa estão ela (quase sem encomendas desde que casamentos e batizados foram adiados), o marido (em teletrabalho) e os dois filhos, de 7 e 12 anos. Se Alice, a mais velha, já “faz tudo sozinha”, Vasco precisa de ter um adulto com ele para as aulas por videochamada (com a professora primária e a de inglês) porque “dispersa”. Só quando seguiram o conselho de uma amiga psicóloga e definiram um horário, “os dias foram ficando mais leves”. Mas, “há colegas dos meus filhos que têm as tarefas todas da escola em atraso.”

Apesar de Alice e Vasco não estarem a aprender tanto conteúdo como na escola, está satisfeita por vê-los



Paula Brighton divide o espaço com a filha mais nova. As mais velhas, universitárias, estão ao fundo, no *deck*. E ainda há João, no quarto

**“OS ALUNOS DAS ESCOLAS AINDA ACAUTELARAM SE TINHAM COMPUTADOR OU NÃO”. COM OS PROFESSORES, NÃO**



Ana Benavente diz que com este tipo de ensino remoto se procurou fazer uma “má imitação da escola”



JORGE PAULA/CM

## Aprender matéria: sim ou não?

Dois pedagogos descrevem o que o seu filho deve obter com o ensino *online*

### 1.º ciclo

#### Há tempo para recuperar

“O objetivo não devia ser o cumprimento do programa, mas a manutenção da ligação entre o miúdo e a escola, os professores e os colegas”, diz o psicólogo José Morgado, do ISPA. “Eles têm muito tempo para recuperar as aprendizagens.” Devem aproveitar as videochamadas para **falarem entre si**, dizerem o que estão a sentir.

### 2.º e 3.º ciclos

#### Simplificar

São alunos com maior autonomia, competência e motivação. Contudo, o cumprimento da carga horária presencial é “impossível” para todos: “Só em miúdos escolhidos a dedo, com muita motivação e apoio”, diz José Morgado. Deve simplificar-se a obrigação de cumprimento do programa e apostar-se em “blocos de áreas de conhecimento”. A ideia não é que saibam reproduzir conhecimentos disponíveis na Internet mas que **aprendam a pesquisar**, argumentar, colaborar, lista José Matias Alves.

### Secundário

#### Motivados pelos exames

Ainda que, nesta fase, o acesso ao ensino superior possa ser uma motivação extra para os alunos estudarem, José Morgado sente os pais e os alunos “muito assustados” e considera errado fazer esse uso dos exames nacionais. “Esta é uma **fórmula falida**”, acrescenta José Matias Alves, que antevê que o regresso à escola sem convívio com os colegas pode ser “tão violento” que podem entrar em exaustão emocional e tornar-se mais difícil aprender.

► “mais autónomos” e a aprenderem as tarefas da casa.

## As desigualdades da escola em casa

► A antiga secretária de Estado da Educação, Ana Benavente, sempre foi mais adepta de deixar para a escola as aprendizagens formais e para casa a reflexão sobre o mundo ou a participação nas atividades domésticas. “À escola o que é da escola”, diz a antiga governante. Mas e agora que a casa se tornou na escola? Os mais de 6 mil inquéritos *online* respondidos à equipa de Ana Benavente, Paulo Peixoto e Rui Machado Gomes, no Observatório de Educação e Formação, têm apontado para inúmeras desigualdades neste “empurrar para casa”, como define à **SÁBADO** a investigadora. Uma delas é o contexto. “Supõe-se que toda a gente tem uma casa, cada um com o seu quarto e que pode estar no seu horário a fazer os trabalhos. Não é assim que as coisas se passam”, refere Ana Benavente. “As pessoas, sobretudo na cidade, vivem em casas muito pequenas. E já há muitas mães a desistirem por cansaço, porque conciliar dois filhos com teletrabalho se está a tornar insuportável”, conclui.

Mais dois dados dos inquéritos do observatório: “41% dos pais envolveram-se mais no estudo dos filhos do que se envolviam anteriormente”, destaca Rui Machado Gomes. “Mas, no caso dos funcionários públicos, esse envolvimento fortíssimo foi pago com enorme *stress*”.

E são novamente as mães quem mais tem assumido esse papel. “O que cria outras desigualdades”, diz Ana Benavente: “Há mães que conseguem apoiar os filhos na escolaridade do 2º e do 3º ciclo, outras que não, porque não têm escolaridade nem conhecimentos.”

Todavia, outras não têm tempo. Alana, de 7 anos, passa a semana com os avós. Os pais, que têm uma loja de informática, estão sobrecarregados com pedidos de reparação de computadores antigos, e chegam a casa depois das 22h. Alana tem saudades da escola e perdeu parte do interesse e da motivação para aprender. Só faz as fichas enviadas pela professora ao fim

► O pedagogo Roberto Carneiro considera que se está “a perder a grande oportunidade de inovar nos métodos”

**CANSADA, A PROFESSORA VAI DEIXAR A PROFISSÃO: NÃO É JUSTO QUE NEM TODOS OS ALUNOS ESTEJAM A ASSISTIR ÀS AULAS**

de semana, quando estão em casa. Acorda para assistir às emissões do Estudo em Casa, na RTP Memória. Até à hora de almoço não há telemóvel, mas depois distrai-se com conversas no grupo de WhatsApp com os colegas ou a jogar com eles.

Quando as fichas são enviadas para a professora, a correção demora duas semanas. “Nas aulas ela podia tirar dúvidas na hora. Agora [quando chega], ela já se esqueceu do exercício”, diz a mãe Elisângela, que já tentou corrigir, mas “o método de ensino é diferente e, apesar de o resultado ser idêntico, ela diz que não é assim que a professora ensina.”

Mais uma evidência: as escolas não estavam preparadas para fazerem esta transição. “Temos uma escola muito tradicional, como no século XIX, com pedagogia expositiva, onde se ensina a todos ao mesmo tempo a mesma coisa”, considera Ana Benavente. “O que se procurou

foi fazer uma má imitação de escola”, completa.

O antigo secretário de Estado e ministro da Educação, Roberto Carneiro (80/81 e 87/91, respetivamente), tem esta perspetiva e defende mudanças. Num artigo de opinião escrito a pedido da **SÁBADO** (publicado na íntegra no *site*), diz que o desafio do coronavírus na Educação impõe “um novo contrato social (...). Ora, o que se verifica é, tão-só, grosso modo, uma transposição das aulas presenciais em sala de aula para aulas à distância na sala de jantar das famílias, esperando que os pais atuem como ajudantes dos professores na receção e exploração das aulas por estes ministradas, através de programas informáticos importados apressadamente. Ora, nem os jovens alunos querem reproduzir em suas casas o modelo escolar, nem o papel educador dos pais se pode confundir com ministrar instrução, que apenas



► Alana passa os dias com os avós, vê a telescola, mas só consegue fazer as fichas da escola com os pais, ao fim de semana

SERGIO LEMOS



RICARDO MEIRELES

profissionais profissionalizados podem oferecer, nem será o partilhar conhecimentos que, muitas vezes não detêm ao nível do ensino especializado de matérias, os quais nem sequer lhes compete discutir”.

## INVASÕES DAS SALAS VIRTUAIS

### Em guerra com os pais

▶ Logo na primeira semana do 3º



## Quando os pais vão longe de mais

### Há famílias que sentem a obrigação (mal) de fazer os trabalhos pelos filhos

**A coach** parental Magda Gomes Dias diz que “a função dos pais não é estudarem com os filhos”: “Uma coisa é apoiarem no estabelecimento de uma rotina, explicarem o enunciado, apoiá-los para estarem atentos. Mas eu não tenho de me lembrar de quem foram os Visigodos”, diz. Ruy Ventura tem sentido isso mesmo. Ele e a mulher são professores na área das Humanidades e há matérias de Ciências dos filhos, no 2.º e 3.º ciclo, em que sentem “**não ter conhecimentos** para isso. Imagino os que não têm curso ou não estão em casa”, diz o docente de Setúbal.

período, inúmeras aulas na plataforma Zoom foram invadidas por um *hacker* de 20 anos, identificado pela Polícia Judiciária depois de alertada pelo Ministério da Educação. As aulas foram interrompidas, os vídeos de outras colocados no YouTube e vistos 148 mil vezes. A FENPROF denunciou que alguns alunos estavam a receber dinheiro em troca de *passwords*. E anunciou uma queixa na Procuradoria-Geral da República. Neste caso era um estranho, mas também há gracinhas entre alunos. “No início, os mais novos, de 7º ano, riscavam os documentos que

▶ Mais do que das aulas na escola profissional, este campeão europeu de futsal para atletas com síndrome de Down tem saudades de jogar

## Aparência

Há alunos a fazerem “figura de corpo presente”, diz José Matias Alves. Têm “o sistema ligado para os professores pensarem que estão *online*, mas não estão”

**UM PAI ENVIU FOTOS DE UMA AULA À DIREÇÃO DA ESCOLA, QUE FEZ QUEIXA POR VIOLAÇÃO DE PRIVACIDADE**

surgiam no ecrã – é uma função que não consigo desligar”, descreve uma professora de Geografia à SÁBADO. Um pai chegou a fazer queixa dela: “Foi logo na aula-teste, para verificar se os alunos estavam a ouvir-me e a receber a informação em Power Point que tinha preparado”, conta. A professora, que pediu anonimato, conseguia ver e ouvi-los. Mas eles não a ouviam e estava a comunicar pelo *chat*.

Perguntou-lhes se tinham dúvidas sobre as fichas ou o trabalho que lhes enviara e se precisavam de falar de alguma matéria em específico. O tal pai – que sem o seu conhecimento assistia à aula – escreveu uma queixa à direção da escola, referindo que as perguntas da docente indicavam que não se tinha preparado. Enviou também fotografias do diálogo com os alunos. E queixou-se ainda de outra professora que tinha pedido aos alunos para ligarem a câmara para que os pudesse ver. O diretor da escola considerou esta intromissão uma violação da privacidade da professora e dos alunos e fez uma queixa à Escola Segura, as equipas da PSP afetadas às escolas.

## TECNOLOGIA OBSOLETA

### Docentes sem voz...

▶ Esta professora de Geografia não concorda com a situação que lhe foi imposta. “Sou obrigada a dar aulas com o meu equipamento, a gastar eletricidade, dados de Internet. Se não o fizer instauram-me um processo disciplinar.”

Entretanto, continua a dar aulas sem a câmara e o microfone a funcionarem. “O meu computador é antigo, devido a cortes salariais nos últimos anos não consegui substituí-lo. Mas também ninguém se ofereceu para me emprestar outro.” Ruy Ventura e a mulher, ambos docentes, já viram os computadores em casa bloquearem por causa dos sistemas informáticos adotados pela escola. “E somos nós, professores, que não conseguimos dar a aula por videoconferência. Aos alunos, as escolas ainda acautelaram se tinham ou não computador. Com os professores partiu-se do princípio de que todos ti-

► nham os sistemas atualizados.”

Essa é aliás uma crítica acompanhada pelo STOP: “Muitos professores investiram muito dinheiro. O teletrabalho está previsto no Código do Trabalho, mas é a entidade patronal que tem de fornecer”, diz André Pestana. Não foi. Outro exemplo identificado pela RTP: uma professora da Maia só encontra rede a dois quilómetros de casa e é ali que dá aulas todo o dia, no porta-bagagens do carro agora transformado em sala de aula improvisada.

### ...e alunos com os avós sem rede

► Também os estudantes têm inúmeras dificuldades para aceder às aulas. “No outro dia, uma aluna não podia fazer nada porque tinha sido dada prioridade ao irmão que estava noutra aula”, descreve Paulo Guinote. Outros estão agora a viver com os avós e só com os telemóveis à disposição, como a filha de uma colega professora que tem dificuldades respiratórias: “Está num sítio sem rede de banda larga de nenhuma operadora, só telefona da linha fixa ou tem de ir à aldeia mais próxima”, diz.

Na escola do autor do blogue *O Meu Quintal*, estão-se a privilegiar as aulas assíncronas, isto é “acedem quando podem”. E a taxa de retorno dos trabalhos estava, no fim de abril, pelos 50%. Quando coloca questionários, Guinote consegue ver a que horas responderam: “Há três ou quatro alunos que estão logo em cima e outros só conseguem às 23h30, meia-noite. Ou porque ficam acordados até muito tarde ou porque só àquela hora é que funciona a Internet”. “No 3º período podemos dizer que está a ser feito tudo o que é possível, mas estamos a fingir que está tudo mais ou menos e não está”, diz Paulo Guinote, que tem turmas onde 70% dos alunos estão a assistir ou a enviar trabalhos e outras onde só 25% o fazem.

### Crianças retiradas aos pais

► Guinote dá aulas na escola básica que tem o difícil bairro do Vale da Amoreira (Moita) em frente. E assume que a negligência é um dos moti-



Escritório improvisado na casa da sogra: Catarina Ortigão tenta entreter André enquanto Pedro assiste às aulas

### Confissão

Ana Mesquita (PCP) disse ao ministro na AR que “não foi possível” fazer os exercícios de educação física no espaço que que tem em casa

**EM ALCANE-NA, QUANDO UM ALUNO FICA UM PAR DE DIAS SEM DIZER NADA, SÃO ATIVADAS AS AUTORIDADES**

vos para a ausência dos alunos. “Os conflitos deslocaram-se da escola para casa.” Sabe de um aluno retirado à mãe e que está com os avós.

No Agrupamento de Escolas de Alcanena, conta Ana Cláudia Cohen, sempre que um aluno fica um par de dias sem dar notícias e os pais também não respondem, é ativada a Escola Segura. “Não podemos ter alunos em idade de ensino obrigatório em risco de abandono da escola. Pode ser por violência ou doença [que estão ausentes], mas temos de saber”, diz a diretora, que reconhece que a escola era “um refúgio” para muitas crianças que agora estão a tempo inteiro com o agressor.

A SÁBADO pediu números sobre a intervenção nesta fase de confinamento à Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens, que ainda não tem as “estatísticas devidamente estáveis”, mas reconheceu que “nesta situação de confinamento há desafios acrescidos”.

Na Escola Secundária do Vale da Amoreira, o diretor José Lourenço conhece bem esses desafios: há adolescentes institucionalizados, que não vivem com as famílias, e o número de alunos a solicitar refeições está a aumentar, o que indica que o desemprego em casa (onde havia muitos precários nas limpezas ou na restauração) também cresceu. Mais

de uma dúzia de alunos vai à portaria levantar os materiais de estudo, que são entregues em envelopes.

E esses são os que foi possível contactar. Muitos vão trocando de números quando as operadoras oferecem melhores condições ou os dados se esgotam. E sem irem à escola é agora difícil encontrá-los. A assistente social, a psicóloga ou os diretores de turma tentam por vizinhos, pelo Facebook ou Instagram.

“É a rede que os mantém ligados à escola. Mas vai acabando o dinheiro dos dados móveis e o nosso medo é que deixamos de conseguir comuni-

### Regresso: e a idade?

Por si só não basta para que os docentes sejam de risco

**Cerca de** 12,2% dos professores do ensino secundário tinham, em 2018, entre 60 e 65 anos. E se não regressassem as escolas **ficariam desfalcadas** para preparar os alunos para os exames. E voltam? Esse é o problema. No Liceu Camões, disse o diretor à SÁBADO, já começaram na semana passada a chegar os atestados.



car com eles”, explica. “Partiu-se da ficção de que todos teriam acesso fácil a esses recursos”, aponta Rui Machado Gomes, professor catedrático em Coimbra. A realidade tem provado que nem todos têm.

São este e outros Vales da Amoreira que levam os investigadores da área da Educação a temer que este modelo de ensino remoto aprofunde as desigualdades na aprendizagem. “Houve mês e meio ou quase dois de perda destes alunos por comparação com os outros. São os grupos sociais com menos recursos económicos, culturais e escolares. E é entre eles

que os índices de insucesso e abandono escolar são muitíssimo superiores”, diz Rui Machado Gomes.

Em Viseu, Rui Cardoso está preocupado com um aluno do seu 3º ano: vive sozinho com um irmão e o pai, analfabeto, e não tem acesso à Internet. Vai à escola buscar os exercícios e o miúdo tira dúvidas por telefone. Mas o docente está com receio de que haja um “retrocesso”: “A capacidade que ele tinha para ler, está a perder-se.” E, a meio do período, ainda há alunos sem aulas, nem trabalhos passados por *email*. Nada. Na escola profissional onde Daniel Maia está a terminar o curso de empregado de mesa, há duas velocidades: os alunos dos cursos sob a tutela do Ministério da Educação estão a receber formação *online*. Os que são da responsabilidade do Ministério do Trabalho e Segurança Social, não. É o caso deste finalista de 22 anos que, nesta fase, deveria estar a acumular o estágio num restaurante (que também está parado por razões de segurança) com as aulas.

## AVALIAÇÕES Pais que fazem as tarefas dos filhos

▶ Também há muitas velocidades no modo como serão as avaliações finais. Se houve escolas que logo no fim do 2º período definiram que o ano estava feito e que não haveria mais notas, outras continuam a dar nova matéria e a fazer testes. E ou-

## HÁ ESCOLAS COM TESTES, NOUTRAS AVALIA-SE MAIS “O EMPENHO QUE O DE- SEMPENHO”

tras ainda não sabem e estão esta semana a decidir se há “nota final pré-Covid ou pós-Covid”.

Há diferentes diretivas. “As nacionais referem teoricamente que é para haver avaliação e as locais, onde muitas escolas têm colocado o ónus no trabalho do professor. Temos de registar todos os momentos em que contactamos com ele e eles não dão algum retorno”, descreve Paulo Guinote.

A ideia é “manter a atividade, mas não os prejudicar” e agravar o insucesso. Nessa perspetiva de “privilegiar mais a manutenção do laço do que estar a avaliar”, diz o professor, “não me choca que existam colegas que coloquem que os alunos fizeram mais contactos do que fizeram. É como antigamente: ‘Tens 5% por teres escrito o nome’”.

André Pestana, do STOP, aponta o dedo ao Ministério da Educação:

## Colocação

Um 8.º ano de Paulo Guinote não tinha Geografia desde o início do ano letivo. Agora, como as aulas são remotas, um professor do Porto aceitou a vaga

“Como é que a tutela não criou uma diretriz única para todo o País? Isto devia estar minimamente tabelado.” Em Viseu, o filho de Rui Cardoso, no 7º ano, tem testes de escolha múltipla no Google Forms – mas o pai, que é professor do 1º ciclo, está a avaliar mais o “empenho do que o desempenho”.

Quando recebem os trabalhos ou realizam testes *online*, os docentes têm-se deparado com outro desafio: são mesmo os alunos que estão a elaborá-los ou a responder sozinhos às perguntas? “Não é num período que vão aparecer trabalhos fantásticos e vou alterar a ideia do meu aluno”, diz Paula Brighton. Mas a realidade é que “estão a aparecer trabalhos fantásticos que não são feitos pelos meus alunos”. Depois de um ano e meio com eles, a professora de Educação Visual sabe bem o que cada um é capaz de fazer.

## Corrida às explicações

▶ Por estar no 11º ano e ter dois exames, João é, entre os quatro filhos, o que mais preocupa Paula Brighton: “Não sente estabilidade em relação ao que se vai passar com ele. Terá de prestar provas a Geometria Descritiva (tem média de 20 valores) e a Físico-Química – já tinha explicações da disciplina, mas agora



João Jaime Pires dirige a Escola Secundária Camões, onde o conselho pedagógico alertou para o erro que é transpor o ensino presencial e qual existia para o digital



► são por videoconferência “duas vezes por semana porque não posso pagar mais”, conta a mãe, que o sente mais “distraído”, com maiores dificuldades de concentração e “perdeu ritmo de trabalho”.

Há crianças mais novas com explicações. Desde março que o centro de explicações Sala da Marta está a ajudar uma menina de 8 anos, que tem os pais em teletrabalho. “Recebemos pedidos novos de pais que estão preocupados com o que se está a perder neste 3º período”, explica a professora responsável, Marta Vieira.

No caso desta estudante do 2º ano, a escola privada de Lisboa realiza aulas diárias por videoconferência de duas horas com um intervalo de meia hora e que inclui aula de música e de ginástica à turma de 18 alunos. A rapariga já não desaparece da frente do computador durante a aula, mas distrai-se e começa a pen-  
tear-se. E não consegue fazer sozinha as cinco fichas que a escola envia todos os dias. “Está sempre a chamar-nos. Divaga muito e conosco é mais desafiadora”, diz o pai.

Ana Benavente recorda que esta é uma solução para quem pode pagar. E desse modo, quem não pode tem mais uma desvantagem – sobretudo quando se apresentar a exame. “Esta obsessão política de mantê-los, dá ao exame um poder mágico ignorando outras questões. Os mais novos, que estão no 4º e no 6º ano, são quem mais sofre com a falta de sociabilidade. Estão cheios de pena de não reverem os colegas. Na Suíça decidiu-se que, antes das férias, voltaríamos nem que fosse uma semana porque não é a mesma coisa *online* e presencialmente. Aqui não”, diz.

## A ansiedade dos exames desnecessários

► Os exames são uma forma de acesso ao ensino superior que dão a “ilusão de justiça, equidade e meritocracia”, explica José Matias Alves, que investigou o tema no seu doutoramento. “Há muitas aprendizagens que são vitais para a vida que não são desenvolvidas na escola por causa dos exames”, diz o professor da Universidade



JORGE PAULA

Católica Portuguesa. Este período de reclusão forçada poderia ser aproveitado para desenvolver essas competências em vez da “reprodução de conhecimento” que logo a seguir aos exames os alunos esquecem. Adivinha até a “exaustão emocional” da preparação para os exames deste ano, que tornará a “aprendizagem mais difícil”: “Em vez de aprenderem mais, podem aprender menos.”

Leonor Lima quer ser médica e, por isso, os exames de Biologia e Físico-Química deste ano são importantes. Mas está preocupada. “Durante estas semanas cumpro as metas das disciplinas, mas não consegui ti-

## Texto exclusivo

“Nova ou velha educação”, por Roberto Carneiro

**O papel dos pais**, a falta de orientações das autoridades de Educação para se fazer o acompanhamento da estabilidade emocional dos alunos à distância e a necessidade de inovar são alguns dos temas abordados num artigo de opinião exclusivo do ex-ministro da Educação e pedagogo Roberto Carneiro que pode ler em **sabado.pt**.



► **Tiago Brandão Rodrigues em visita à Secundária do Vale da Amoreira em tempos de pré-pandemia**

## Lá fora

Itália e Espanha só reabrem em Setembro. Holanda e França (1.º ciclo) estão a reabrir. Alemanha fará o mesmo. A Noruega alargou ao secundário

**LEONOR ESTUDA “5 A 6 HORAS” POR DIA, MAS É DIFÍCIL CONCENTRAR-SE. TEME NÃO CONSEGUIR MÉDIA PARA MEDICINA**

rar um bocado de tempo para estudar para o exame. Acho que teria outro empenho no estudo se estivesse a ter aulas na escola.”

A aluna do 11º ano, da Secundária de Palmela, estuda todos os dias cinco a seis horas, mas diz que “é muito difícil” concentrar-se. “Há tanta coisa que podemos fazer em casa: falar com os amigos, ir até à cozinha.” Tem dúvidas de que consiga a média para entrar em Medicina.

Existe ansiedade nos docentes e alunos que terão de regressar a 18 de maio, conta Eulália Medeiros Paulo, professora e mulher de Paulo Guinote. A sua turma de 12º ano tem-lhe feito perguntas sobre máscaras, limpeza ou as viagens nos transportes públicos. “A minha filha, que está no 11º, já me perguntou se a mochila tem de ser trocada todos os dias?”

Aliás, diz José Matias Alves, as condições sanitárias, apesar de necessárias, podem trazer mais problemas do que benefício. “Existe o risco de a escola passar a ser um espaço concentracionário. Os alunos não podem ir ao recreio, não podem conviver. Para irem almoçar têm de ir em turnos. Ninguém consegue viver assim”, diz o professor da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto. Eulália Medeiros Paulo antevê que “será difícil entre eles não se tocarem, não estarem juntos. Se o próprio primeiro-ministro e o ministro da Educação apertaram a mão”. ◼